

Demografia

Quase 300 cidades do RS perderam população

Das 497 cidades gaúchas, 289 registraram redução no número de habitantes entre 2010 e 2022

Ana Stobbe e Gabrieli Silva

Um dos grandes desafios para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul é crescer em um contexto de envelhecimento da população e redução na velocidade de crescimento no número de habitantes.

Diferentemente dos outros estados da Região Sul do País, o RS teve crescimento demográfico inferior à média nacional, conforme os Censos do IBGE dos

anos 2000. Enquanto a população gaúcha aumentou 1,77% entre 2010 e 2022 (mais recentes Censos realizados), o Brasil ampliou em 6,5%. Há dois grandes fatores que explicam esse resultado: a taxa de fecundidade, que calcula a média do número de filhos por mulher, é baixa e o saldo migratório é negativo.

Nesse cenário, 289 dos 497 municípios do Rio Grande do Sul perderam população entre 2010 e 2022, o equivalente a 58,2% das cidades gaúchas.

“Historicamente, há uma redução expressiva da população rural. Em 1970, mais de 3 milhões de gaúchos viviam no campo, o que era quase metade

da população. Em 2022, são menos de 1,5 milhão, representando cerca de 14% dos habitantes”, avalia o diretor adjunto do Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria Estadual de Planejamento, Governança e Gestão do RS, Pedro Zuanazzi.

Diante dessa reconfiguração, quem se favoreceu foram as cidades médias, entre 100 mil e 300 mil habitantes, que oferecem melhor estrutura de serviços.

Outro fator de atratividade é a indústria: das 10 cidades com o maior Valor Adicionado Bruto da Indústria (VAB Industrial), apenas duas (Porto Alegre e Rio Grande) tiveram perdas

populacionais. “A indústria é mais intensiva em mão de obra e tende a oferecer melhores salários”, acrescenta o pesquisador.

No caminho inverso, municípios do Litoral Norte ganharam habitantes. Entre os 10 que mais cresceram no Estado, seis estão na faixa litorânea, com destaque para Imbé (51,8%), Capão da Canoa (51,2%), Arroio do Sal (42,7%) e Balneário Pinhal (37,7%).

A Região Metropolitana, por sua vez, tem dinâmicas demográficas diversas entre seus municípios. Porto Alegre, Viamão e Guaíba, por exemplo, perderam habitantes. Por outro lado, cidades do entorno ganharam,

incluindo Cachoeirinha, Gravataí e São Leopoldo.

A Macrorregião Norte tem atraído residentes, principalmente para as cidades-polo. Entre elas, Passo Fundo, Erechim e Santa Rosa. Por outro lado, a Região Sul tem perdido população. A falta de diversificação econômica e a menor oferta de serviços como saúde e educação pesam na balança.

A Região da Serra, por sua vez, tem crescido. Especialmente, nas Hortênsias. Já a porção Central do Estado é a última no ranking de participação de PIB e de número de habitantes, embora três dos seus Coredes tenham crescido sua demografia.

Litoral Norte é líder em crescimento no Rio Grande do Sul, com alta de 25,8% na população

Enquanto o Rio Grande do Sul luta para melhorar seus indicadores demográficos, o Litoral Norte está vivendo uma ascensão populacional visível. Afinal, o Estado ampliou o número de habitantes em 1,77% entre o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 e o de 2022, no compasso em que a faixa costeira teve um salto 14,6 vezes maior, aumentando sua população em 25,87%. E, das 21 cidades da região, apenas três perderam residentes.

Outros dados auxiliam a observar que essa taxa tende a ser ainda mais ampliada nos próximos anos. Reportagem publicada no Jornal do Comércio em maio mostrou a elevação no consumo de água em baixa temporada. Nesse cenário, apenas em Capão da Canoa, a ampliação foi de 43% entre 2019 e 2024, enquanto a população saltou 51,24% entre os Censos.

Tal crescimento é influenciado por múltiplas motivações, conforme explica o diretor adjunto do Departamento de Economia e Estatística (DEE-RS), Pedro Zuanazzi. “Entre os fatores que explicam isso está o fenômeno da segunda residência, muitas pessoas que tinham casas de veraneio no Litoral passaram a morar nelas, especialmente, com o avanço do trabalho remoto. Há também a questão da desejabilidade, em que, cada vez mais, as pessoas buscam qualidade de vida e escolhem lugares onde desejam viver, o que favorece cidades litorâneas.”

Embora a publicação dos dados do IBGE seja imediatamente posterior à pandemia de Covid-19, o pesquisador acredita não ser visível um impacto direto entre os fenômenos. Principalmente, considerando que a tendência de atração de residentes na região já era visível nos anos 2000, ao comparar o Censo de 2000 com o de 2010.

“O município que mais cresceu proporcionalmente foi Imbé, com alta de 51,8% em 12 anos, ritmo semelhante ao de Xangri-Lá entre 2000 e 2010. Ou seja, é uma tendência existente. Talvez o próximo Censo revele um impacto maior”, diz Zuanazzi.

Uma das pessoas que escolheu o Litoral Norte para chamar de lar foi a empresária Adriana Brum, de 49 anos, que se mudou de Porto Alegre para a praia de Atlântida, em Xangri-Lá, em setembro de 2022. A troca de cidade foi motivada por dois principais fatores: a busca por segurança e por qualidade de vida. Tudo isso, aliado a uma rotina de home office que permitiu fixar residência em um novo local.

“Comecei a trabalhar de forma híbrida em 2019, porque tive um acidente em que quebrei a perna e ficou inacessível ir até lá. Com a pandemia, entrei em home office e decidi que não teria mais escritório. Quando voltou a normalidade, em 2022, decidi me mudar para cá. E, hoje, trabalho daqui e, eventualmente, atendo alguns clientes em Porto Alegre, porque é perto. Sei que tem muita gente que mora aqui e trabalha em Porto Alegre

e vice-versa”, relatou Adriana.

A empresária relata que estar na região litorânea oferece facilidades não encontradas na Região Metropolitana. “Tenho a segurança de pegar meu telefone para ouvir música ou podcasts caminhando até a beira da praia. É algo que eu tenho medo de fazer em Porto Alegre, quando frequento a casa da minha mãe no bairro Menino Deus”, pontua Adriana.

Ela tem observado, também, que o movimento migratório tem se intensificado nos últimos anos. O condomínio em Atlântida para o qual ela se mudou, por exemplo, foi pensado para servir aos veranistas na alta temporada, com contratos de aluguéis por curtos períodos. Hoje, a maioria dos inquilinos é residente, com contratação

anual dos imóveis. “E não tem mais isso de tudo abrir em dezembro e fechar em março. Antes, para ir ao médico ou acessar

serviços de saúde, precisava ir a Porto Alegre. Mas já descobri clínicas ótimas por aqui”, exemplifica Adriana.

10 cidades que mais ampliaram população na macrorregião

- Araricá (+75,12%)
- Imbé (+51,83%)
- Capão da Canoa (+51,24%)
- Arroio do Sal (+42,78%)
- Balneário Pinhal (+37,77%)
- Cidreira (+34,90%)
- Xangri-Lá (+32,71%)
- Tramandaí (30,56%)
- Nova Santa Rita (+27,82%)
- Torres (+20,50%)

As 9 cidades que perderam população na macrorregião

- Viamão (-6,32%)
- Esteio (-5,61%)
- Porto Alegre (-5,46%)
- Três Forquilhas (-5,21%)
- Novo Hamburgo (-4,77%)
- Alvorada (-4,29%)
- Morrinhos do Sul (-3,57%)
- Guaíba (-2,42%)
- Mostardas (-0,32%)

FONTE: IBGE



Imbé foi a cidade litorânea que mais cresceu no RS, ampliando a população em 51,83%, segundo o IBGE